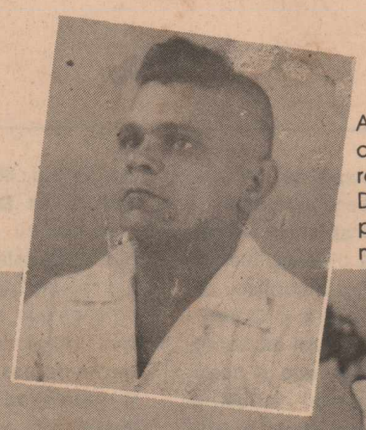
Antônio Soares Filho: a versão sertaneja da Intentona (I)

Pei-pei-pei! Era tiro pra todo lado!



Aos 23 anos, cabeça raspada. Destino: O porão de navio.

"Lutei, lutei rasgado como indà hoje em dia tou lutando prá ver se vai à frente o negócio..."



Hoje, ele tem 81 anos de idade e muita lucidez. Mora numa das ruas principais do Alecrim. Uma bengala branca sustena o corpo curvado pelas lutas e pelo tempo. O nome dele: Antônio Soares Filho. Não é um **notável,** não está nos compêndios, nos escritos dos historiadores estaduais. Entretanto ele foi parte importante de um momento relevante da história política do Rio Grande do Norte. Esteve entre os rebeldes da Intentona Comunista de 1935. Diante de mim, o próprio Sertão. Um homem que guarda estampadas na face sisuda, nas rugas produzidas pelo **ontem,** a coragem e a valentia nunca desperdiçadas. O jeito de falar, uma preciosidade que desafia este **escrevinhador:** Antônio Soares Filho não fala, mas apenas conversa numa linguagem pura, dentro do universo vocabular do mais autêntico sertanejo, em que nenhuma gramática, qualquer concordância verbal, possa ser exigidas. Seria um desrespeito à riqueza desse linguajar oral, puro som, enorme musicalidade, efeitos sonoros resultantes de neòlogismos próprios do sertão.

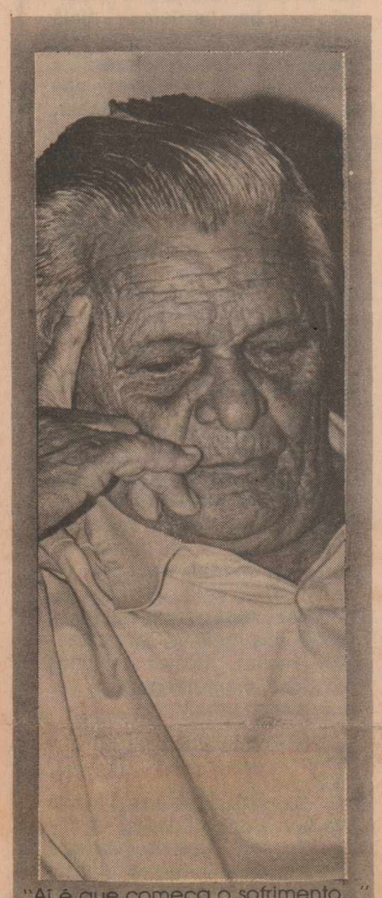
Pois eu tenho diante de mim, um pedaço de História do Rio Grande do Norte que, aos 23 anos, nascido numa fazenda perto de um município que, depois, viria a ser chamado Cruzeta, chegou a Natal e foi soldado do Batalhão de Caçadores do Exército. Que se uniu aos rebeldes da Intentona, a mesma intentona que transformou Natal na primeira (e única) República Socialista do Ocidente. Pelo menos durante quase quatro dias.

Antonio Soares Filho aceitou a causa e foi em frente. Embrenhou-se pelos recônditos para combater "ao lado do povo", como ele diz. Viu gente morrer, viu gente sofrer. Viu gente valente, viu gente covarde. Destituiu prefeito, fez justiça, a seu modo, por esses sertões afora. Preso, deixou Natal para se ver metido num porão de navio ao lado de tantos outros. Alguns ilustres, como Graciliano Ramos.

Preso político, o jovem sertanejo de Cruzeta passou um tempão na Ilha Grande. Onde viu parte da miséria humana. Foi torturado e viu companheiros em condições iguais. Depois de muito tempo, veio a anistia, mas não veio — para Antonio Soares Filho — a verdadeira liberdade. "Só vim casar aos 49 anos de idade, porque antes a polícia era casada comigo. Não me largava".

Pois, esse homem tem história prá contar. Revelações importantes que podem ajudar aos historiadores. Comunista? Não sei. Para mim, um misto de Quixote, beato e cangaceiro. Um libertário que permanece acreditando num mundo justo e melhor e que não titubeia em dizer:

— Eu estava ao lado do Partido, defendendo o povo que estava morrendo de fome, se acabando. Lutei, lutei rasgado como inda hoje em dia tou lutando prá ver se vai à frente o negócio.



"Aí é que começa o sofrimento..."

"Ele era nosso colega, num sabe?"

"Saimos no meio do mundo. Encontremo um caminhão, mandando os animal de volta e tomemo o caminhão com destino a Macaíba. Aparecero dois soldados e disseram: "Oi, o negócio agora é ir pra Natal". Eu disse: "Pois vambora". Peguemo um carro e viemo. Cheguei em Natal e fiquei sabendo que o negócio tinha afracassado. Aí, eu corri pra casa de Mané de Brito. Quando cheguei lá, Mané de Brito disse assim: "Hoje você pode dormir, mas o negócio afracassou e pode me prejudicar". Eu respondi: "Não, eu num vou lhe prejudicar". Aí, corri pro navio. Quando cheguei no navio, o rapaz disse: "O senhor num pode falar com o comandante". Eu disse assim: "Mas ele é meu companheiro". E ele: "Num pode". E eu: "Eu vou!". Aí, subi de coisa acima. E quando o comandante me viu, disse: "Eu num posso lhe atender que eu estou prejudicado também...". Ele era colega nosso, num sabe? Mas mesmo assim eu fiquei escondido dentro do navio. Depois, o comissário deu comigo enrolado em riba de uma cama. E chegou gritando: "O senhor saia! Desce, desce, depressa!" Aí, eu corri destinado pra casa do meu tio, que era coronel (Coronel Inácio). Eu já não queria ir pra lá prá não dar **desvio.** Mas fui prá lá. Quando lá cheguei, Tia Liosa falou: "Antonio, como é que você faz uma coisa dessa?" Eu respondi: "É, Tia Liosa, a senhora sabe, eu sou militar e tenho que ficar do lado do povo". Ela me disse: "Tá bom. Inacinho não tá aqui, mas você pode dormir". De manhãzinha, chegaram dois militares: "Cadê o rapaz?". Eu só sei, que daí fui parar na Detenção. Aí, é que começa o sofrimento. Tem muita história prá contar...

"O senhor é que véve dando no povo!"

"O dia tava amanhecendo e a gente já tava no mundo, no rumo de Cana Braba. Perto de lá, encontremos um rapaz num cavalo, que foi logo dizendo: "Tenha cuidado aqui dentro da Cana Braba que tem um véio chamado Paulininho, que só véve de matar o povo. Matou inté um irmão meu, Chico Alves". Entremo em Cana Braba e eu fui logo na casa desse tal de Paulininho. Perguntei: "Cadê ele?". A mulé dele disse: "Tá não senhor..." Eu disse: "Tá bom, tá respondido". Nós morto de fome... Foi quando apareceu um véio e disse: "Eu tenho peixe". "Serve. Eu como até a molesta", respondí. Aí, ele mandou fazer uma danação de peixe com uma farofa de cebola. Nós comemo que só o cão. Aí, dormimo. Foi quando um soldado falou: "É uma vontade de fumar tão grande, que faz medo. Mas num tem!". Alguém falou: "Oi, ali na casa de Paulininho tem cigarro pra vender". Eu ordenei: "Vá lá e diga que mande umas carteira de cigarro aqui pra nós". Ele foi e voltou dizendo: "A mulé dele disse que quem trabaiava pra vagabundo e ladrão era besta". Aí, eu fui lá: "Cadê o véio? Ela disse: "Tá não senhor...". Eu disse: "Ele tá. Mande ele aparecer ou reviro essa casa agora mesmo". Ela respondeu: "Não, que num sei o que, e coisa e tal...". Aí, lá aparece o véio, muito branco de medo. Foi quando eu disse:

— O senhor é que é o tal Paulininho?

— Sou, sim senhor.

— O senhor é que véve dando no povo, judia com o povo, sendo o chefe daqui?

— Sou o chefe, mas sou um pai présse povo...

— É sua mentira. O senhor matou agora há poucos dias um irmão de Zé Alves. Matou de uma surra, não foi?

— É mentira...

— Mentira não, que o irmão dele tá aqui pra contar. E o senhor tá preso e vambora!

"Levamo o véio no rumo do roçado. Quando cheguemo lá avistamo um cacimbão. Aí eu disse: "Pessoal, com destino a esse cacimbão". No pé do cacimbão eu falei:

— Fique em pé! Dá uma descarga nesse véio. Esse **fela da p...** véve matando o povo aqui e agora vai morrer.

"Os soldados apontaram as armas. O véio Paulininho começou a gritar:

— Pelo amor de Deus, num faça isso. Eu juro que vou ser um pai prêsse povo.

"E danou-se a prometer tudo no mundo. Ficou todo borrado, mas ficou bom demais. Era o tempo todo falando: "O que você quiser aqui nós arranja". Eu disse: "Tem jeito de arranjar dez animal?". Ele respondeu: "Tenho". E arranjou. No meio, veio uma besta. E dois soldados brigaram porque não queriam ir na besta, que num tinha cela. Terminou um soldado atirando no outro. Aí, eu disse: "Você tá preso e vá montando na besta em osso até chegar no destino". Aí, seu moço, ele atirou. Eu não tive outro jeito: Atirei nele tambem".

Antônio Soares Filho faz uma pausa, olha pros lados, passa as mãos nos cabelos brancos e diz suave e filosoficamente:

— O senhor sabe que nem me lembro se acertei?!



"Aí nos gritamos: Tamos presos!"

"Eu demiti logo o Prefeito..."

"Nós tava no 21 BC. Mais ou menos 4 horas da tarde do dia 23 de novembro de 1935, começou a luta. Lutemos três dias e tal e aí afracassou o negócio. Dei tiro, ora mais tá... Só num dei quando num tinha mais arma. Ora mais tá... Foi uma emboscada, eu com um caminhão de gente. Eles fizeram uma tentativa que deu certo pra eles. Aí fomo todo mundo preso. Me lembro demais... Eu ia na frente comandando um caminhão cheio de gente, quando veio a emboscada. Tomaram meu fuzil, mas não tomaram meu saco de bala. Eu sabia que Cabo Valverde vinha num carro atrás de nós, mas ele era do nosso lado. Mas a emboscada veio antes. Foi quando o Cabo Valverde chegou gritando: "Cadê os soldados, cadê os meus homens?". Aí nós gritamos: "Tamos presos!". Aí, Cabo Valverde atirou. O tiroteio foi grosso. Era "pei-pei-pei", tiro pra todo lado. Mesmo sem o fuzil eu e mais uns doze aproveitamos da confusão e corremos pro meio do mato. Só tinha cobra, jurema, o diabo... Isso aconteceu em Caiada de Cima. Passemo a noite, se movendo pela estrela. Eu e os soldados, tudo ignorante. Mas eu disse: "Num tem importância. Vamo aqui no destino da estrela". E assim foi. Até o manhecer do dia. Nós já vinha com umas quatro légua, quando chegamo em Bom Jesus. Aí, avisaram a gente que vinha uns carros. Nós, então, peguemo o destino pra Nova Cruz, Vera Cruz... De Vera Cruz nós viemos para Cana Braba..."

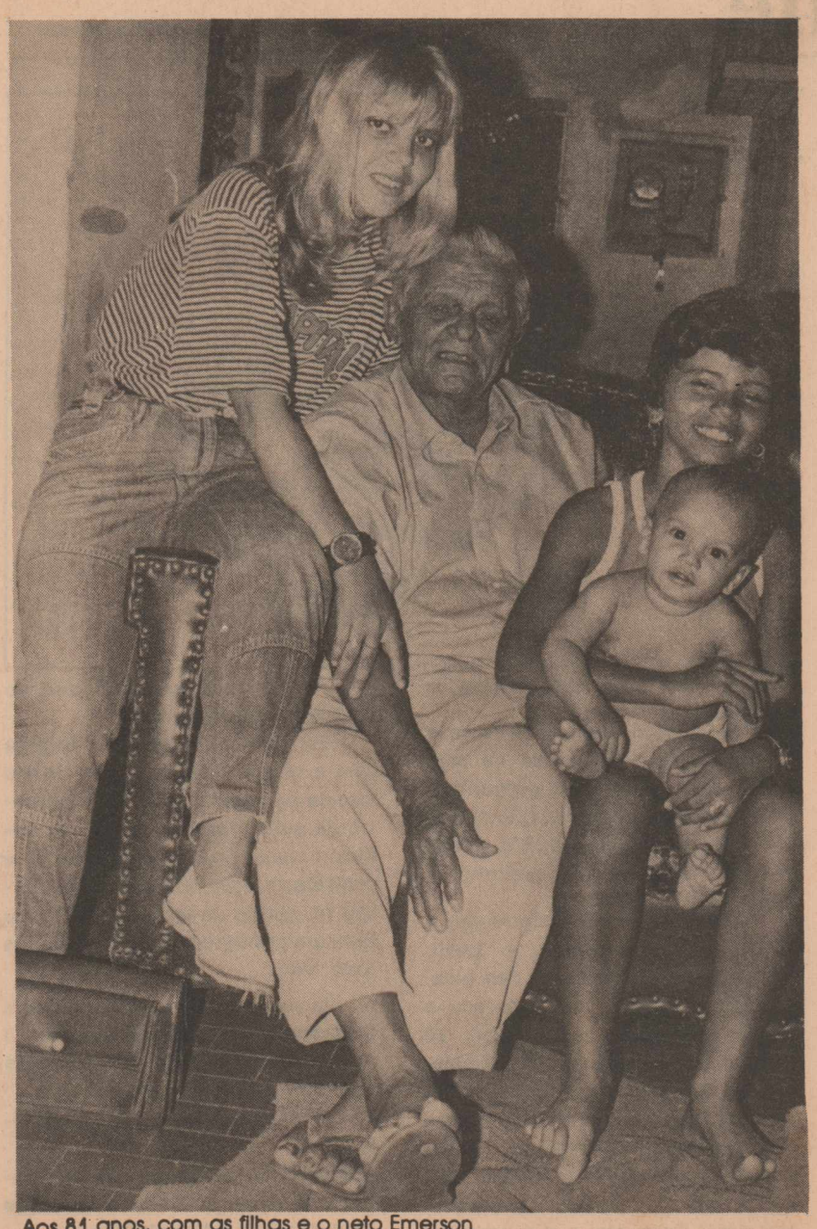
O SENHOR NÃO É MAIS PREFEITO!

Antônio Soares Filho passa a mão na testa. Olha nos meus olhos e continua firme e solenemente:

— Vou logo lhe dizer: em Vera Cruz eu demiti logo o Prefeito, porque fui avisado. Eu trazia três soldados baleados e nove tavam bom. Mesmo sem o fuzil eu ia comandando. Quando cheguemo em Vera Cruz, encontrei um rapaz que foi logo me avisando: "Tenha cuidado com esse prefeito daqui que num vale nada". Eu perguntei: "Onde ele tá?". Me disseram e eu mandei buscar ele. Demiti ele na hora e falei: "Hoje, agora, quem vai ser prefeito daqui é esse rapaz, um bodegueiro, mas é um rapaz muito bom..."

— Como era o nome do bodegueiro?

— Eu sei lá quem era!? (Uma sonora gargalhada) — Aí, o bodegueiro, muito camarada, disse: "Ói, nós temo dormida prá vocês. Vou arrumar umas casas ali pra vocês dormir..." Aí, eu disse: "Não senhor. Nós vamo seguir viagem. E nós morto de sono... Por trás da rua tinha uma tapera, me lembro. Eu falei: "Vamos se entrincheirar aqui". Se entrincheiremos e dormimos. Acordamos cedo sem saber que tudo já tava perdido. Mas fomo em frente. O destino agora era Cana Braba...



Aos 81 anos, com as filhas e o neto Emerson

• Caderno de Domingo

Texto: Rubens Lemos
Programação Visual: Enéas Peixoto
Fotos: Ana Maria e arquivo de família

IDÉIAS

Comprovação

Um assunto ligado ao pioneirismo dos católicos sociais no século passado, bem antes da **Rerum Novarum**, nada melhor do que apresentar nomes e datas, comprobatórios desse pioneirismo, na Europa e noutras localidades. Pela palavra e pela ação, posicionaram-se contra a exploração dos trabalhadores, vítimas da revolução industrial, clamando por justiça social.

Vários autores afirmaram que os bispos franceses não deram apoio ao esforço dos pioneiros leigos. Não é exato. Realmente, o número de prelados poderia ter sido maior. Foi muito expressivo, entretanto, e eles também se tornaram pioneiros. Vejamos alguns.

O cardeal DE CROY, arcebispo de Ruão (1823 a 1844) em pastoral de 1838 condenou com veemência o trabalho das crianças nas manufaturas, com fadigas excessivas e prolongadas, reclamando a elaboração de leis de proteção para impedir a morte delas pelo trabalho exigido. Denunciou o prelado que sobre a extrema fraqueza pesava a extrema opressão.

Dom BELMAS, bispo de Cambrai, em quatro pronunciamentos, entre 1837 e 1841, denunciou, em Pastoral de 11.2.1837, **"a exploração do homem pelo homem"**, que especula sobre seu semelhante como sobre um vil animal, ou como um puro e simples agente de produção". Condenou a "sede imoderada de riqueza (que) imola a seus furores aqueles que emprega e lhes sacrifica o tempo, as fôrças, a saúde, com trabalhos incessantes que exigem, não lhes dando como recompensa senão fraca porção do que produzem, a qual corresponde apenas a uma gota de seus abundantes suores".

Do seu sucessor naquela diocese, dom GIRAUD, sobressai o seu mandamento da Quaresma de 1845, intitulada **"A Lei do Trabalho,"** considerada verdadeiro esboço da **Rerum Novarum.** Declara o bispo que a Igreja é contra toda "opressão da fraqueza", condenando "a exploração do homem pelo homem" e afirmando que a Igreja "possui em sua doutrina e sua aplicação todos os dados necessários à solução teórica e prática dessas gravíssimas questões". Também sustentou que "a associação no trabalho e nos benefícios é um pensamento de origem cristã" e que "o trabalho é um dever cujo desempenho dá direitos e é o título mais legítimo de propriedade".

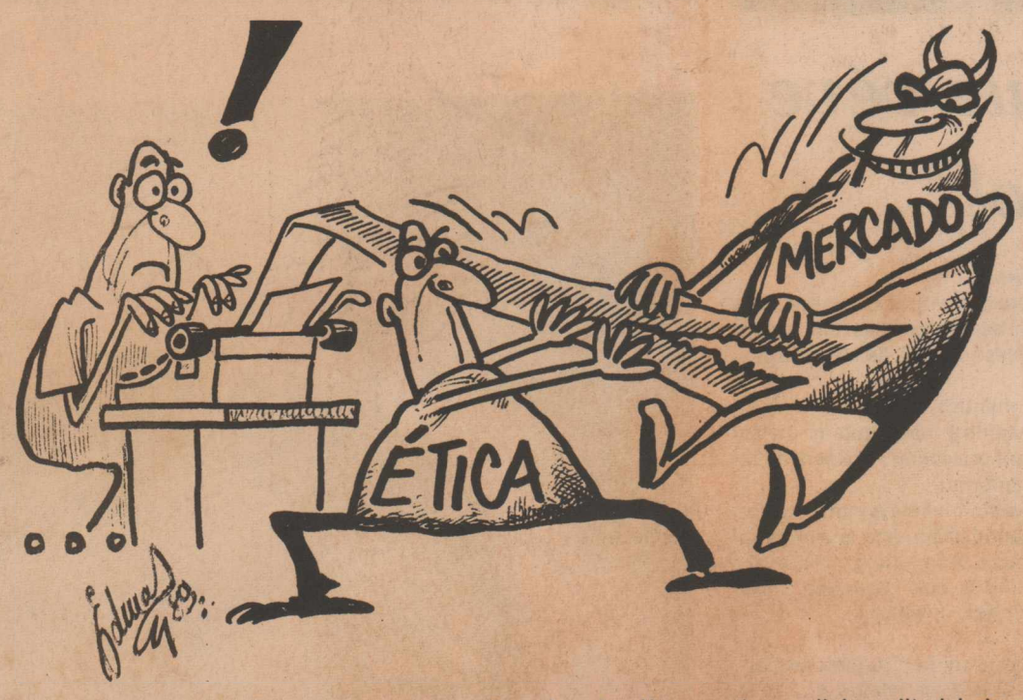
Nesse mesmo ano de 1845, a 15 de novembro, o bispo de Annecy, dom RENDU, preocupado com a dura condição dos trabalhadores nas manufaturas da sua diocese, inclusive mulheres e crianças, publicou corajoso **"Memorial sobre a Questão Operária"**, dirigido ao rei da Sardenha, no qual acentua que o nascimento do proletariado industrial constituia para a sociedade e para a Igreja motivo de grave inquietação. Escreve, ainda, no mesmo documento: "A legislação moderna não faz nada pelo proletário; ela protege sua vida, enquanto homem, porém o esquece enquanto trabalhador", insistindo por uma legislação social, porquanto, sem ela, o trabalhador fica entregue, sem defesa, ao arbítrio do patrão.

O historiador Daniel Rops (L'Église des Revolutions — En face de nouveaux destins — Fayard, Paris, 1965 p. 667) observa que "vinte anos antes **Das Kapital** (de Marx) dom Rendu mostrou formalmente que o capitalismo é responsável por um regime que provoca "abusos tão odiosos que, no julgamento de todos, será impossível encontrar coisa semelhante nos séculos de barbaria". O pastor advertiu, profeticamente nesse 1845, que se os governos nada fizerem, a classe operária se revoltará, iludida por ambiciosos e teóricos e vai querer uma justa parte no banquete da vida.

Curioso e sintomático: o rei Carlos Alberto, da Sardenha, ao felicitar o bispo por sua corajosa atitude, mas declarava que não era competência do Governo regular relações patrão-operário, enquanto Cavour, seu Ministro, deblaterava contra o prelado, que taxava de "perigoso socialista"...

Comunicação: ética x mercado

Tácito Costa



Não faz muito tempo a TV Globo mostrou um filme em que abordava a questão da ética jornalística. O enredo era mais ou menos o seguinte: um homem penetra em uma mina abandonada e lá fica preso em consequência de um desabamento. Um jornalista vê no episódio a oportunidade de fazer grandes matérias sensacionalistas. Corrompendo a todos, ele "convence" os técnicos de que a melhor maneira de retirar o sujeito de dentro da mina é cavando um buraco em cima do local onde está o homem soterrado. Só que a maneira de tirar o homem com vida, como fica demonstrado por um técnico, é fazer o escoramento das paredes da mina e entrar até onde está o soterrado.

O jornalista, que precisa de tempo para fazer suas matérias, e que quanto mais dias o camarada ficar preso para ele melhor, vê seus propósitos irem de água abaixo. Após sete dias preso na mina o homem vem a falecer. Esse filme não agradou a alguns jornalistas americanos (o filme é americano), mas é sem dúvida uma eloquente parábola sobre o problema ético no jornalismo.

As considerações acima me vieram a cabeça no momento em que setores da sociedade discutem a reportagem que a revista Veja fez com Cazuza. A reportagem, que motivou notas de protesto do cantor em jornais do Sul do país, um manifesto de artistas contra a revista e o afastamento de uma repórter que participou da entrevista (pediu demissão à revista), por não concordar com os termos em que os editores trabalharam o material, foi um dos fatos mais comentados no país.

E creio, pelo que ouvi de comentários sobre o assunto, que a Veja voltou a não sintonizar com a média de pensamento da sociedade, que por sinal, são leitores habituais da revista. Já tinha havido uma primeira vez. Na reportagem "A história secreta de Veja", publicada na revista Imprensa — Jornalismo e Comunicação, de setembro de 88, Augusto Nunes, que trabalhou 13 anos na Veja, sendo quatro como redator-chefe, conta ao repórter Ulysses Alves de Souza um desses desencontros:

"Na opinião de Augusto Nunes, um bom exemplo de desencontro entre a revista e os leitores foi a matéria sobre a morte de Elis Regina. Os leitores recriminaram a matéria porque aquilo agredia seu ponto de vista. Não que eles não quisessem ler que a Elis morreu de **Overdose** de cocaína. A gente colocou 'Tragédia da Cocaína' como a chamada principal e embaixo a 'A morte da grande cantora'. Se os títulos estivessem invertidos, a reação seria outra. Neste caso, creio que cometemos um erro".

Na realidade o que aconteceu com a reportagem sobre Cazuza e que motivou a demissão da repórter, que viu o seu texto ser transformado em matéria sensacionalista e chamariz para vendas, é um fato corriqueiro dentro das redações dos jornais. O repórter faz um texto e no dia seguinte se depara com uma colcha de retalhos do que seria o seu trabalho original. Porque todos sabemos que bastam mudar algumas palavras chaves para a matéria ter inteiramente deturpado o seu sentido. A figura do copydesk nas redações (que teria como função dar concisão e clareza ao texto escrito pelo repórter) é uma aberração e ninguém se ilude de que a função real deste jornalista é "limpar" a matéria de possíveis informações que contrariem a linha editorial da empresa jornalística.

Em alguns jornais a figura do Copydesk não existe mais. Nesses casos o arbítrio sobre os textos dos repórteres passou para o editor do setor, da área que o repórter cobre. Geralmente esse editor (de Cidade, de Economia, de Política, etc), passou pelo estágio de reportagem e enfrentou o problema da mutilação de matérias ou teve até mesmo textos seus reescritos para poder se afinar com o pensamento "do dono da voz", como diz Chico Buarque em uma de suas músicas.

Liberdade de imprensa e ética jornalística são conceitos e como tais devem ser entendidos. Existia no tempo em que cursei o curso de Comunicação na UFRN, uma disciplina que tratava sobre a ética na comunicação. Só que a Universidade brasileira é um castelo de sonhos. A realidade extra-muros acadêmicos é outra bem distinta. Não me disseram, por exemplo, que havia uma "Lei do Gerson"...

Um meio de comunicação é uma empresa estruturada dentro dos cânones do mercado. Ela está voltada para dar lucros. Nesse contexto não há outra "ética" que não a do mercado. No caso específico da reportagem com Cazuza, por exemplo, o aumento da venda de exemplares falou mais alto. O jornalista, nesse como em outros casos que não chegam ao conhecimento do público, serviu como "bucha de canhão".

A atitude da jornalista que pediu demissão foi louvável, mas é uma exceção. A história tal para mostrar a verdade. Não é que nós todos sejamos maus caráter e estejamos a serviço de causas excusas e que não são as nossas. A necessidade, lí certa vez de um historiador francês, é a base da civilização e da história. E é essa necessidade que faz com que muitos de nós nos submetamos a trabalhos que no fundo vão de encontro aos nossos princípios. Quem é do ramo e não é hipócrita reconhece essa situação. Não detemos os meios de produção e somos subjugados pela necessidade primária de sobreviver fisicamente.

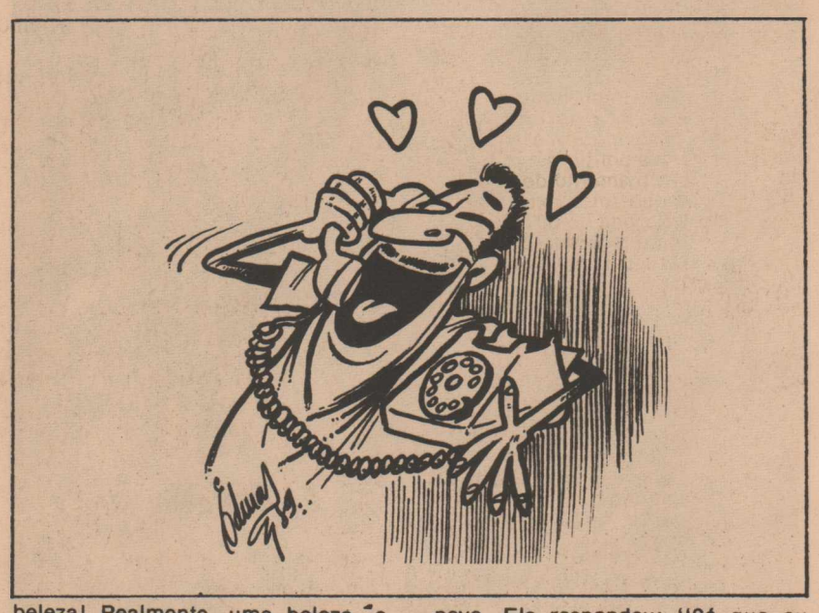
Querer ver no repórter o culpado ou bode expiatório pelo que sai escrito em jornais é como querer culpar os bancários pelos juros elevados ou funcionários do IBGE pela inflação alta. Imaginar que o grupo Abril ou Globo defenda interesses contrários aos da livre iniciativa ou que se paute por outra "ética" que não a do mercado é no mínimo ingenuidade. No entanto, muitos discursos são feitos para justificar uma situação que a realidade não deixa dúvidas. E para esses discursos os sociólogos tem um nome: **ideologia.** O resto são lérias.

Cartão Amarelo



O telefone

Berilo Wanderley



Muito mais do que o automóvel, vale o telefone. Veja que com um telefone na mão, hoje de manhã, resolvi três negócios importantes: tomei mil cruzeiros emprestados, disse uns desaforos a um sujeito que há muito tempo me vinha fazendo raiva e acertei um encontro com uma criatura que nem conheço mas que, com a ajuda de Deus, será bonita.

Ele me dizia tudo, chupando o canudinho do refresco, mantendo-me debaixo daquela sombra de marquise, com algumas pessoas em volta, também conversando e chupando canudinhos. Apesar do calor, eu nada quis. Apenas começara a falar de automóvel, mais que utilidade para o homem que trabalha do que como artigo de luxo, para passeios nas tardes. Meu amigo me falou do telefone. E lançou-me seus argumentos, que ouvia, braços cruzados sobre a mesa, mesmo porque não me achava disposto a beber nada.

— Olhe você: sem o telefone não teria feito nada disso. Primeiro, não tenho cara de pedir dinheiro emprestado a ninguém, frente a frente. Pelo fio, sim. E consegui. Depois, você sabe, sou um homem de coragem, mas não para dizer desaforos a ninguém. Mas um sujeito estava merecendo umas palavras ásperas. Disquei para ele, e quando ele falou de lá, joguei de cá um balde de palavrões. E o melhor é que eu me sentia completamente à vontade. O camarada não dizia patavina. Uma beleza! Realmente, uma beleza, o telefone!

Meu amigo sugou com força o canudinho, fazendo pausa na conversa. Mas, eu já lhe perguntava pela terceira importância que o telefone lhe dera, na manhã. Pôs o copo de lado, torcendo o canudinho, e falou:

— Ah, o caso do encontro com a desconhecida? Foi assim: — Desliguei o telefone, chateado dos palavrórios que jogava no camarada e pensei que para desenfastiar, só ligando à doida, passar um trote alegre e desabafar. Liguei, atendeu uma voz docíssima e de uma beleza que acalentava. Perguntei quem falava, ela disse que era Maria Não Sei de Que. O nome não interessava. Voz doce! Perguntei o que havia de novo. Ela respondeu: "Só que eu briguei com o namorado".

Eu falei que também brigara com a minha. Mentira. Nem tenho isso de namorada. Falei num encontro de solidariedade. Ambos sofríamos o mesmo mal e seria justo uma confraternização. Ela aceitou e marcou no portão da casa dela. É forte para um primeiro encontro, mas topo tudo. Vou.

Ia passando a mocinha que lhe trouxera o refresco, ele levantou o dedo, pedindo outro. E virando-se para mim, abrindo os braços:

— Não é mesmo grande o telefone?

(Do livro 'O Menino e seu Pai Caçador", co-edição CLIMA-Fundação José Augusto, edição 1980).

CULTURA

Dácio Galvão

O ANALFABETISMO

A lei, denominada Lei Sarney, ou a "Lei de Incentivos fiscais a cultura" foi uma iniciativa sábia, do então ministro Celso Furtado, frente ao Ministério da Cultura.

O Ministério da Educação também amparado em lei, muito, muito antes possibilita que parlamentares da Câmara Federal dividam sua cota assistencialista com entidades de utilidade pública das mais variadas: de clube de mães até um centro social qualquer num longínquo município, em qualquer Estado. Bastando somente, que tenha objetivos educacionais ou culturais e claro, que seja cadastrada no Ministério da Educação.

Criado o Minc, desmembrado do MEC, existindo a lei, engavetada porém, não foi difícil criar mecanismo assemelhado com o já existente na área da assistência social e educacional. A grande diferença, é que se amplia a possibilidade da iniciativa privada — pois sabe-se que nas legislação anterior isto já era possível —, de participar mais ostensivamente sem que isto lhe custe um tostão sequer.

O importante talvez, não seja nada disso. Alguém falou, quando da presença dos representantes do MINC em Natal, considerando a notícia veículada pela Folha de São Paulo de que o empresariado do RN era o que menos tinha investido em cultura, de todo o resto do país, que o problema era realmente, verdadeiramente, de analfabetismo.

SEXTA CULTURAL

Grupos folclóricos e artísticos estarão com um novo espaço para suas manifestações. É que a Secretaria de Cultura estará promovendo todas às sextas-feiras, a partir das 11 horas da manhã no pátio do órgão, na avenida Hermes da Fonseca, 1064, Tirol, apresentações das mais variadas: música, recital, mostra de artes plásticas, mamulengo, etc. Todos, convidados.

NÚ

Oswaldo Oliveira, Madè Wainer, Carlos Soares, Cristina Jácome, Nazário, Jomard Jackson estarão expondo seus trabalhos numa temática unificada, o nú, na Biblioteca Câmara Cascudo, no período de 02 a 09 de junho. O título da coletiva será "Corpo e Movimento".

LETRAS

No dia 21 de junho, aniversário do grande literato Machado de Assis, a Academia de Letras do Pará, sediará um encontro de representantes das demais Academias espalhadas pelo país, objetivando ampliar um maior intercâmbio entre as mesmas. Daqui seguirá o Presidente Diógenes da Cunha Lima e Veríssimo de Melo, Presidente do Conselho Estadual de Cultura como convidado especial.

ESCOLA

O tão irrequieto Thomé Filgueira, anda com planos ambiciosos. Dentre eles, um merece especial atenção, que é o de montar uma escola de artes envolvendo inicialmente os seguintes segmentos: música, teatro e pintura.

Um time de profissionais qualificados estaria disposto a jogar essa partida e por isso Thomé entusiasma-se, e já se movimenta no sentido de definir um local para dar início ao trabalho, que com certeza, será árduo.

COMÉRCIO

O livro "O comercio das palavras" de Américo de Oliveira Costa continua repercutindo fora do Estado. Eis o que dele, se refere o grande Paulo Rónai: "Acabo de ler com o mais vivo interesse intelectual o "Comércio" das palavras, livro quase impessoal, espécie de mosaico, em que suas observações, modestas e pertinentes, constituem a argamassa que dá unidade ao preciso conjunto de citações. Estas citações, às vezes de autores pouco conhecidos, têm todos o seu interesse e quase todos incitam à reflexão. A obra inteira é um desses trabalhos que melhor estimulam o amor à leitura. Dois pontos altos: à grande figura humana do mestre Câmara Cascudo e a introdução a Proust através da respectiva bibliografia.

Essas observações, constam de uma carta de Rónai para Américo.